

## CULTURA, PROTAGONISMO E APRENDIZAGEM: RELATOS DO PROJETO “SÃO JOÃO VIVO!” NUMA TURMA DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Robson Lima de Arruda <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo compartilha a experiência do projeto “São João Vivo!” numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de uma pesquisa-ação (THIOLENT, 1986) cuja observação participante e registros de um portfólio serviram de instrumentos para uma análise qualitativa que evidenciou como a metodologia de projetos possibilitou uma maior aproximação dos estudantes com os sentidos e significados dos festejos juninos. Além da ampliação do repertório cognitivo, foi possível perceber um maior envolvimento e pertencimento dos estudantes com a atmosfera deste que é considerado o maior evento cultural do Nordeste.

**Palavras-chave:** Projetos Pedagógicos, Festejos Juninos, Práticas Pedagógicas.

### INTRODUÇÃO

“Ai que saudades que eu sinto  
Das noites de São João  
Das noites tão brasileiras nas fogueiras  
Sob o luar do sertão  
Das noites tão brasileiras nas fogueiras  
Sob o luar do sertão

Meninos brincando de roda  
Velhos soltando balão  
Moços em volta à fogueira brincando com o coração  
Eita, São João dos meus sonhos  
Eita, saudoso sertão, ai, ai”

Luiz Gonzaga

É inegável que este trecho da música “Noites Brasileiras”, lançada em junho de 1954 pelo Rei do Baião Luiz Gonzaga, tem feito cada vez mais sentido quando pensamos nas atuais manifestações dos festejos juninos. O professor Antônio Galdino (2021) destaca que a lembrança de um São João “puro, autêntico, dos sertões nordestinos, vem, a cada ano perdendo essa pureza que é a sua maior grandeza” (GALDINO, 2021, n.p.). Entretanto, quem pode reclamar essa descaracterização dos tradicionais sentidos de festejar o São João são aqueles que o conhecem ou viveram a experiência dessa raiz cultural. Logo, mesmo sabendo

---

<sup>1</sup> Mestre em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [robsonlima13@hotmail.com](mailto:robsonlima13@hotmail.com).

que a cultura passa por transmutações em detrimento da sua apropriação e massificação pela indústria cultural, (CHAUI, 2008), consideramos que é papel da escola “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, **cultural** e digital para entender e explicar a realidade” (BRASIL, 2018, grifo nosso). Com base nisso e, considerando a necessidade de os festejos juninos serem trabalhados de forma mais aprofundada, reflexiva e crítica, optou-se pela elaboração de um projeto que pudesse estreitar a relação dos estudantes do Ensino Fundamental com esta que é uma das maiores manifestações culturais do nordeste (CHIANCA, 2007a; CASTRO, 2012). Nesse sentido, o presente artigo relata a experiência do projeto “São João Vivo!”, evidenciando aspectos do desenvolvimento cognitivo, sociocultural e afetivo que os festejos juninos proporcionam.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho fundamenta-se no princípio da pesquisa-ação, cuja premissa consiste em uma ação ou resolução de problema no qual pesquisadores e participantes estão implicados de modo participativo e cooperativo (THIOLENT, 1986). Os instrumentos para análise são compostos pelo relato da própria experiência do pesquisador enquanto observador participante e o uso de um portfólio docente que equivale ao diário de campo, contendo registros escritos e fotográficos<sup>2</sup> das ações pedagógicas trabalhadas. A análise fundamenta-se numa perspectiva qualitativa cujo comportamento humano é visto pelos investigadores como passível de influências do contexto em que a pesquisa acontece e o processo interessa mais que o produto (BOGDAN & BIKLEN, 1994). As discussões teóricas baseiam-se nos estudos de Chianca (2007a, 2007b), Castro (2012), Behrens (2006), Hernández (1998), Bender (2014), Moran (2019), dentre outros.

## **É FESTA NO INTERIOR!**

Os festejos juninos são considerados a maior manifestação cultural da região nordeste e trazem consigo valores e significados afetivos, culturais, sociais e econômicos. É quase impossível ser nordestino e não possuir alguma relação com o clima que toma conta da região durante esse período que vai do dia 12 de junho (véspera de Santo Antônio) até o dia 29 de junho (dia de São Pedro). Não obstante, em algumas cidades como Campina Grande, na Paraíba, e Caruaru, em Pernambuco, que disputam o título de maior e melhor São João do

---

<sup>2</sup> O uso de imagens dos estudantes está autorizado por meio de Termo de Autorização de uso de Imagem e Respectiva Cessão de Direitos, com base na Lei. n. 9.610/98, considerando a ampla divulgação destas mesmas imagens em uma página na rede social Facebook do professor titular, utilizado como canal de divulgação das ações desenvolvidas na turma aos respectivos familiares dos estudantes e comunidade em geral.

mundo, as festas chegam a durar os 30 dias do mês. Em outros locais, é possível que as comemorações adentrem o mês de julho. A propósito, a origem do termo “junina” seria uma alusão ao mês de junho, muito embora alguns reinvindicam que se trata de uma variação do termo “joanina” que, por sua vez, advém de João, o principal Santo celebrado no período.

Dois aspectos fundamentais costumam ser associados aos festejos juninos: a ideia de passado (antigamente) e o interior (o sítio, o campo, o rural, o mato), remetendo-nos a uma ideia de nostalgia e saudosismo dos tempos e espaços de outrora. Para Chianca (2007a), essa relação dos festejos juninos com a ideia de passado é ambivalente, pois remete às lembranças de um lugar-tempo que ficou no passado e que pretende-se superar. Por outro lado, ela recupera memórias e relações afetivas de amigos e familiares bem como das origens. Do mesmo modo, a ideia de espaço rural é também envolta de contradições em relação às injustiças sociais e naturais (fome, miséria, seca), mas também de alegria quando chegam os invernos chuvosos e trazem consigo a fartura e abundância.

Essa fusão entre as ideias de interior e passado compõe a base ideológica dos festejos juninos, tornando possível um imenso e complexo leque de manifestações de cunho cultural, político, econômico e social. A origem desses festejos data do século XVI e teriam sido trazidas pelos padres jesuítas com aceitação imediata principalmente devido ao conteúdo estético das fogueiras e dos fogos (CHIANCA, 2007b). Na Eupora, esses festejos correspondem ao solstício de verão, quando havia o ciclo das colheitas. Já aqui no Brasil, comemora-se no solstício do inverno, também em função da colheita. A data principal é o dia 24 de junho, dia em que nasceu São João Batista, considerado o precursor do cristianismo. Vale destacar, inclusive, que o São João celebrado no contexto dos festejos brasileiros é a criança João Batista, referenciada nas pinturas de um menino mestiço com cabelos encaracolados e um carneirinho no colo. Além disso, é o único santo que tem seu dia celebrado na data de nascimento (CASTRO, 2012).

Apesar de sua origem ser basicamente religiosa, os festejos juninos são vivenciados de forma predominantemente profana e cada dia mais tem sido assim, devido às transformações culturais e sociais que redesenham a festa, sobretudo nos espaços urbanos. No campo, ela ainda ocorre na sua forma mais tradicional, servindo de ocasião para reunir familiares e amigos em suas casas onde se acende uma fogueira em cada um dos dias dedicados aos Santos Antônio (12), João (24) e Pedro (29). Nesses festejos geralmente há uma farta degustação de comidas e bebidas, com destaque para o milho e seus derivados (pamonha, canjica, bolos, pipoca, munguzá) e a musicalidade fica por conta dos ritmos como o coco de roda e o forró nas suas versões tradicionais e eletrônica. Além disso, a estética dos festejos

juninos costuma conter elementos que remetem ao rústico e antigo, desde as vestimentas (chapéu de palha, xita, xadrez) até os itens de decoração (abanos, bandeirolas, candeeiros, balaios, tamboretas, etc). Todo o arsenal que compõe os festejos juninos faz alusão às origens da paisagem natural, cultural e social dos nordeste de tempos atrás.

Na concepção de Chianca (2007a), os festejos juninos da atualidade não são mais como os “de antigamente”. E isso se dá pela evolução e modernização do espaço rural e da superação de seus estereótipos depreciativos e pejorativos que ridiculariza e diminui os nordestinos e o nordeste. Albuquerque Júnior (2011) denuncia que essa noção de nordeste é uma invenção de intelectuais e artistas regionalistas e tradicionalistas, fomada por referências depressivas e decadentes de um passado rural e pré-capitalista.

Um nordeste onde o tempo descreve um círculo entre a seca e o inverno [...] Uma região dividida entre momentos de tristeza e de alegria. Mesmo para quem dela sai, o migrante, o Nordeste aparece como espaço fixo de saudade. O Nordeste parece estar sempre no passado, na memória; evocado como o espaço para o qual se quer voltar; um espaço que permaneceria o mesmo [...] Nordeste, sertão, espaço sem história, indefeso às mudanças. Sertão onde a fogueira ainda esquentava o coração, sem rádio e sem notícia das terras civilizadas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.98).

Ademais, na atual sociedade do consumo, a espetacularização e mercantilização dos eventos concentrados, agora, nos espaços urbanos, retirou do campo o status de *locus* principal dos festejos juninos. Com isso, questiona Castro (2012): “Pode-se falar em esvaziamento das festas juninas na esfera familiar? Na perspectiva das festividades juninas a casa pode ser vista como território perdido?” (CASTRO, 2012, p.68). Para este autor, é um equívoco afirmar que sim. Segundo ele, a natureza lúdica e a forma como os festejos juninos passaram a ser realizados modificaram em função de diversos fatores: urbanização, modernização, globalização, tecnologia, economia, por exemplo. Logo, as pequenas cidades ainda abrigam e preservam aspectos de suas raízes culturais e afetivas com os festejos juninos, tornando-se uma opção, inclusive, para aqueles que desejam reencontrar-se com suas origens e, também, escapar da vida urbana e da dissolução identitária que os eventos espetacularizados promovem, reencontrando-se e reconectando-se com a simplicidade das origens camponesas. Argumenta este autor:

Quando se afirma que nas festas do passado as relações afetivas eram mais espontâneas e horizontais, não se pretende de forma alguma analisar os eventos festivos contemporâneos a partir de um viés nostálgico e romântico. No passado havia também conflitos, indiferença e isolacionismo, assim como no presente também há a proximidade, a ampliação dos laços de afetividade durante as festas e a valorização da ambiência familiar (CASTRO, 2012, p.80).



Podemos perceber que os festejos juninos tradicionais, antigamente concentrados nas residências do campo, perderam espaço para o aparecimento das outros modos de festejar o ciclo junino nos centros urbanos. Logo, por um viés capitalista, a espetacularização e, atualmente, a midiaticização desses eventos tem provocado uma aparente perda das tradições e vivências originais do São João. Mais do que deslocar a festa, o que tem ocorrido é uma perda de aspectos importantes da cultura destes festejos, resumindo algumas de suas características a uma estética artificial, superficial e puramente mercadológica. Não se trata de anular as novas configurações dos festejos juninos, mas consideramos positiva uma (re)aproximação afetiva e cognitiva com as suas tradições, o que, em tese, justifica o projeto “São João Vivo!”.

## **O TRABALHO COM PROJETOS PEDAGÓGICOS**

A ideia/concepção de projetos ganha força num contexto marcado pela oposição ao paradigma educacional tradicional predominante, descrito por Dewey (1859-1952) como compartimentado e opressor, cujas matérias são sobrecarregadas de fragmentos desconexos, baseados num ensino repetitivo e autoritário (HERNANDÉZ, 1998). Dewey desenvolveu uma metodologia de ensino baseada em projetos entre os anos 1915 e 1920 e, juntamente com Kilpatrick, que era adepto de suas ideias, esta concepção chegou até as salas de aula. Trata-se de uma pedagogia progressista ou aberta, em que os estudantes podem protagonizar a sua própria aprendizagem a partir de um trabalho significativo sobre a realidade, de forma colaborativa, crítica e reflexiva (BEHRENS, 2006; HERNANDÉZ, 1998; BENDER, 2014; MORAN, 2019). No Brasil, essa concepção foi introduzida nos anos 1930 pelos adeptos do movimento Escola Nova, cuja premissa fundamentava-se numa educação capaz de instigar e transformar a sociedade, preparando os estudantes para resolver problemas encontrados na realidade física e social (BEHRENS, 2006).

Não há um consenso quanto ao termo mais correto ou adequado para se referir aos projetos. Ao longo dos anos, essa concepção de trabalho vem sendo chamada de centros de interesse, métodos de projetos, pedagogia de projetos, metodologia de projetos, projetos de trabalho, aprendizagem baseada em projetos, dentre outros. Não é nosso intuito apresentar aqui todos os sentidos e contextos em que estes termos foram criados/utilizados. Não obstante, optamos por utilizar metodologia de projetos (BEHRENS, 2006) por entendermos que este termo é quem melhor se aproxima da experiência apresentada neste trabalho.

No dizer de Bender (2014), os projetos representam “uma das mais eficazes formas disponíveis de envolver os alunos com o conteúdo de aprendizagem e, por esta razão, é recomendada por muitos líderes educacionais como uma das melhores práticas educacionais

da atualidade” (BENDER, 2014, p.15), contribuindo para que os estudantes desenvolvam capacidades de autodireção, formulação e resolução de problemas, integração, tomada de decisões e comunicação interpessoal (HERNANDÉZ, 1998; MORAN, 2019).

Além de não haver uma única forma de intitular os projetos, também não existe um padrão para sua realização. Dessa forma, os projetos podem ser de longa ou curta duração, partir de problemas mais simples ou mais complexos, pertencer a um campo mais específico de estudo (disciplina ou conteúdo) ou a um tema transversal que exija, inclusive, a interdisciplinaridade, bem como partir de um interesse coletivo da turma ou da escola, de uma problemática social ou mesmo de uma situação identificada e escolhida pelos professores (MORAN, 2019). Ademais, sabe-se que os professores ocupam lugar horizontal no processo, atuando como motivador, orientador, mediador das aprendizagens, colocando-se, inclusive, no lugar de quem também aprende.

Num contexto em que as constantes mudanças na organização dos processos sociais exigem aperfeiçoamento, modernização e atualização, os projetos possibilitam pensar e realizar práticas pedagógicas inovadoras, promovendo formação para cidadania e aprendizagem significativa para a vida (BEHRENS, 2006). Não obstante, eles “são uma resposta – nem perfeita, nem definitiva, nem única – para a evolução que o professorado” (HERNANDÉZ & VENTURA, 1998, p.63). Depreende-se daí que não se trata de uma receita mágica para os problemas do ensino e da aprendizagem, mas um “enfoque do ensino que trata de ressituar a concepção e as práticas educativas na Escola, para dar resposta (não “A resposta”) às mudanças sociais” (HERNANDÉZ, 1998, p.64). Partindo disso, apresentaremos a experiência do projeto “São João Vivo!”, cujas vivências extrapolaram o aspecto meramente cognitivo e deram novos sentidos aos processos de aprendizagem.

## **O PROJETO “SÃO JOÃO VIVO!”**

O ciclo dos festejos juninos é assunto confirmado todos os anos nas escolas brasileiras, especialmente na região nordeste. Quando o mês de junho inicia, professores realizam atividades temáticas, as escolas costumam ser enfeitadas e, em muitas delas, realiza-se uma festa junina que é muito esperada por todos os estudantes e pela comunidade no seu entorno. Ademais, vive-se um clima especificamente típico no âmbito social: ruas ornamentadas, programações de shows em praça pública, as fogueiras em família, a paisagem modificada pelo tempo chuvoso etc. É praticamente impossível não se sentir impactado por esse clima.

Para além de encontrar a escola ornamentada, fruir algumas atividades lúdicas e participar da festa junina, uma problemática surge como ponto de partida para a realização do

projeto “São João Vivo!”: o que os alunos sabem, compreendem e sentem em relação ao São João? Esses questionamentos foram feitos aos alunos do 5º ano “A” da Escola Municipal José Batista de Souza, na localidade de Vertente do Lério – PE, no ano de 2019<sup>3</sup>, ocasião em que foi constatado que eles desconheciam aspectos importantes dos festejos juninos e, portanto, pareciam não ter uma aproximação cognitiva e afetiva com esta cultura. A partir disso, estruturou-se o projeto com o intuito de “valorizar e vivenciar a cultura nordestina dos festejos juninos, reforçando a identidade do nosso povo e aprimorando os conceitos de cultura” (Portifólio do Professor, 2019). O projeto teve duração de 22 de maio a 28 de junho e contemplou todas as disciplinas da grade curricular do referido ano escolar.

A realização do projeto conteplou as seguintes fases:

1. **Apresentação/discussão/construção da proposta de trabalho:** nesta etapa ocorreu a apresentação do projeto aos estudantes, comunicando os objetivos e metodologias que seriam utilizadas. Este momento contou com a participação dos estudantes com sugestões de atividades que poderiam ser desenvolvidas.

2. **Estudos e pesquisas de campo e entrevistas:** os estudantes realizaram entrevista com os familiares e receberam em sala de aula a presença da filha de Dona Brígida, matriarca da Dança da Bolinha<sup>4</sup>, referência na cultura local e reconhecida como patrimônio cultural dos festejos juninos da cidade de Vertente do Lério - PE.

**Figura 1** – Visita de Luzinete, filha da Dona Brígida, matriarca da Dança da Bolinha para entrevista



Fonte: Arquivo do professor

<sup>3</sup> O projeto “São João Vivo!” foi realizado durante os anos de 2017, 2018 e 2019 pelo mesmo professor em turmas diferentes do 5º ano do Ensino Fundamental. Para fins de delimitação deste artigo, optamos pelo ano de 2019 por ter sido o último ano realizado.

<sup>4</sup> A Dança da Bolinha foi criada por volta dos anos 1930 e representa um marco cultural dos festejos juninos de Vertente do Lério-PE. Acontece nas três principais datas que festejam os Santos Antônio, João e Pedro. Comandada por sua matriarca, popular Dona Brisa (Brígida), falecida em 2007, consiste na reunião de populares para dançar ritmos tocados pela banda de Pífano Dois Irmãos que, além do coco e valsas religiosas, entoam um hino peculiar que é dançado em círculos pelos brincantes, sendo esta, inclusive, uma possível origem para o nome Bolinha.

3. **Estudos e atividades contextualizadas em sala de aula:** diversos conteúdos das disciplinas foram trabalhados numa perspectiva interdisciplinar e contextualizados ao tema junino. Um dos destaques foi o estudo a partir de uma receita de bolo de milho, envolvendo a disciplina de Língua Portuguesa (gênero receita e rótulos) e Matemática (grandezas e medidas, quantidades). Os estudantes tiveram aula prática e executaram a receita de um bolo de milho que foi, em seguida, degustado por todos.

**Figura 2** – Estudo e produção de uma receita de bolo de milho



Fonte: Arquivo do professor

4. **Planejamento, elaboração, produção e apresentação coletiva e individual de desenhos, gêneros textuais e teatro:** com foco nas disciplinas de Artes, Educação Física e Língua Portuguesa, diversas atividades foram realizadas como a produção de desenhos, poesias de cordel, paródias, dentre outras. Destaque para a elaboração coletiva de uma dramatização com base na música “O último Pau-de-Arara”.

**Figura 3** – Representações artísticas e textuais dos estudantes



Fonte: Arquivo do professor

5. **Culminância:** apresentação dos resultados aos pais/mães e/ou responsáveis, Secretaria de Educação e turmas convidadas da própria escola. A atividade foi realizada em clima de festa com direito à ornamentação junina da sala de aula e comidas típicas servidas aos estudantes e convidados. Na quadra da escola, houve a apresentação teatral mencionada.

**Figura 4** – Familiares e convidados assistem ao compartilhamento dos resultados



Fonte: Arquivo do professor

**Figura 5** – Apresentação da dramatização “O último pau-de-arara”



Fonte: Arquivo do professor

6. **Autoavaliação:** fechamento do projeto com discussão coletiva entre professor e estudantes sobre os avanços e as novas percepções acerca da temática junina. Além da aprendizagem dos conteúdos trabalhados, falamos sobre trabalho em grupo, fruição e produção de recursos, pesquisa e pertencimento cultural. A participação e envolvimento dos estudantes foram os principais critérios para fins avaliativos convencionais, não cabendo provas ou testes. Este momento foi realizado em outra ocasião, posterior à culminância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências do projeto “São João Vivo!” cumpriram o objetivo de proporcionar o debate sobre as características sociais e culturais dos festejos juninos. Além disso, percebeu-se um maior sentimento de pertencimento e identificação dos estudantes a esse contexto quando observado que o conhecimento sobre esta época festiva foi ampliado e ressignificado. Assim, mais do que estar inserido numa atmosfera festiva, os estudantes puderam pensar, refletir, fruir e manusear artefatos e símbolos culturais, compreendendo a importância das festas juninas para o país e para a sua região e localidade. Um dos exemplos que podemos citar é a atividade com análise das letras de músicas de forró, onde os estudantes tiveram acesso às letras e estética sonora de diferentes estilos desse ritmo, desde o Luiz Gonzaga até as bandas de Forró Eletrônico. Puderam refletir o contexto sociocultural dessas músicas e compreender que, mais do que sonoridade, elas retratam um sentido real do vivido. Ainda, deve-se ressaltar que o interesse dos estudantes pelos conteúdos explorados foi maior em função das possibilidades de contextualização com a temática junina, principalmente quando foram oportunizadas atividades de produção individual e coletiva. Isso, de alguma forma, revela também os significados que este período festivo já possui para os estudantes. Outro fator decisivo para o sucesso do projeto foi a possibilidade de expor as produções e vivências aos familiares e convidados, por meio da apresentação de fotografias das atividades desenvolvidas, algumas produções e a dramatização baseada na música “O último Pau-de-arara”. Com isso, além de uma maior aproximação com a realidade social e cultural do período junino, os estudantes puderam protagonizar o próprio processo de aprendizagem, ampliando seu repertório de saberes.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Paradigma da complexidade**: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BENDER, Willian N. **Aprendizagem baseada em projetos**: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASTRO, Janio Roque Barros de. **Da casa à praça pública**: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano. Salvador: EDUFBA, 2012.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. In: Crítica y emancipación: **Revista Latinoamericana de Ciências Sociais**, ano 1, n.1, junho 2008. Buenos Aires: CLASCO, 2008.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, v.10, n.1, jan./jun., 2007a. p.45-49.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, ano11, v.18, n.2, 2007b. p.49-47.

GALDINO, Antônio. “Ai que saudades que eu sinto, das noites de São João”. **Folha Sertaneja**. Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br/noticias/colunistas/557231/1>. Acesso: 15 jun. 2022.

HERNANDÉZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

HERNANDÉZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MORAN, José. **Metodologias ativas de bolso**: como os alunos podem aprender de forma ativa, simplificada e profunda. São Paulo: Editora do Brasil, 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.